

57. A gente ainda não consegue se sentir seguro

Davi Castro Gabriel

Meu nome é Davi Castro Gabriel, sou Galibi-Marworno, moro no Oiapoque e este é o meu segundo relato. Eu, hoje, gostaria de estar falando que nós estamos em uma situação melhor em relação a toda essa pandemia, em relação à COVID-19. No Oiapoque a gente acreditava que isso iria passar, pelo menos no começo era no que nós queríamos acreditar. Mas, ao longo desse tempo, tenho percebido que o enfrentamento ao coronavírus tem sido seletivo, ao mesmo tempo em que têm pessoas preocupadas, buscando tomar todos os cuidados, tem gente que pouco tem dado atenção a isso.

Ao longo desses últimos meses várias aldeias foram afetadas, muitas pessoas tiveram contato com o vírus e ficaram doentes. Em algumas aldeias todos tiveram a doença, em outras, pessoas morreram por causa da COVID-19. Durante todo esse tempo temos sofrido, de maneira coletiva, pois tanto parentes do meu povo como de outros povos morreram, isso causou uma comoção em todos os povos, em todos nós.

Tudo tem sido muito complicado, ainda hoje não conseguimos ver uma saída para toda essa situação causada pela COVID-19. Fica um olhar de desconfiança em relação ao futuro, a gente ainda não consegue se sentir seguro, mas mesmo assim, aqui no Oiapoque, ao longo das últimas semanas, podemos notar o crescimento do movimento de pessoas nas ruas, o comércio abrindo parcialmente, isso causa uma preocupação em relação à propagação do vírus, pois nem todos estão tomando os cuidados necessários e, se aqui a situação já é difícil, imagina nas comunidades indígenas, onde o atendimento à saúde já é fragilizado.

Hoje foi um dia difícil para mim, estou bem cansado dessa rotina, fazer as coisas de forma remota é complicado para mim, pois parece que não me sinto obrigado a fazer as coisas. A gente se acostuma de um jeito e depois tem que se reinventar, é difícil, é preciso paciência e muito esforço para conseguir se concentrar. Eu acho que o fato de passar a maior parte do dia em casa está me deixando desse jeito. O pessoal na aldeia tem um pouco mais de liberdade, é claro que eles têm que tomar cuidado, mas eles estão junto da família... e isso ajuda.

Eu vejo que as pessoas estão em crise e por conta disso estão nas ruas, para conseguir amenizar suas vidas. Eu acredito que seja importante a gente se atentar à nossa saúde mental, eu tenho ficado horas do dia aqui, no meu quarto, trancado, sem ter contato com outras pessoas, isso me deixa um pouco angustiado, um pouco inseguro. Eu também fiquei pensando sobre os planos para esse ano, tudo foi adiado e minhas expectativas foram baixando, tudo está me desanimando e fico na dúvida em que direção ir.

Penso, principalmente, nos povos indígenas que vêm enfrentando, ainda com mais dificuldade, esse vírus. É claro que a gente fica pensando ainda mais por causa das mortes que estão ocorrendo nas comunidades, mortes de lideranças, de pessoas das comunidades. A gente tem se sentido bem ruim com tudo isso, são perdas muito significativas para nós e a gente não quer que isso aconteça a outros parentes. A gente tenta se apoiar um no outro, ainda que seja de forma remota, distante, tendo pouco contato, às vezes apenas pela internet, às vezes não, mas, de maneira geral, fazendo a nossa parte, acreditando que em algum momento a gente vai poder se ver, a gente vai poder se reconectar novamente. Temos que acreditar que, de certa forma, a gente vai conseguir melhorar e voltar as nossas rotinas, não que a gente vá voltar ao “normal”, mas a gente vai se adaptando e, com certeza, teremos uma outra possibilidade de continuar com nossas vidas.

Oiapoque, Amapá, Brasil

15 de julho de 2020

Relato recebido em áudio e transcrito por Elissandra Barros